

MOGI MIRIM

Viajar pelo interior de São Paulo é sempre surpreendente. Algum tempo atrás, lemos sobre a criação de um museu de arte privado por dois empreendedores da cidade de Mogi Mirim e fizemos questão de ir conhecer. Afinal, quem em sua consciência cria um museu de arte privado numa pequena cidade do interior? Conversando, eu e Atalie chegamos à conclusão que devem ser considerados malucos como nós, precisávamos conhecer, certamente teríamos muito o que aprender com eles.

Como sabem, o território da Franca do Imperador já pertenceu à Vila de Mogi Mirim durante o período colonial no século XVIII e início do XIX, ambas cidades criadas ao longo da estrada que ligava o litoral às minas de ouro do interior de Goiás. Na língua tupi, bastante usada pelos bandeirantes que usavam a rota, a interpretação mais aceita é a de “pequeno rio das cobras”: mogi = rio e mirim = pequeno.

O belo desenho da Mogi Mirim feito pelo viajante inglês William Burchell, autor do primeiro desenho conhecido de Franca em sua viagem pelo interior do país em 1827, é um primor. Infelizmente, pensei ao chegar ao centro da cidade, nesse país sem memória, quase nada restou a não ser o espaço da antiga praça e as ruelas estreitas do casco histórico onde está a igreja matriz atual.

Essa foi a primeira impressão da cidade, que não havia nada dos tempos coloniais, o que é verdade. O casario colonial que Burchell desenhou e ainda se vê nalgumas fotos antigas da cidade sumiram completamente, mais fácil encontrar resquícios do fantástico “carrossel caipira” do time do Mogi Mirim nos anos do grande treinador Vadão, com Rivaldo, Leto e Valber. Mogi Mirim possui hoje em torno de 95 mil habitantes e já está conurbada a Mogi Guaçu, que é um pouco maior. Sua economia tem forte presença da indústria metalúrgica de autopeças, inclusive multinacionais espalhadas em dois distritos industriais.

Zanzamos a pé pelo centro da cidade que acordava para o trabalho numa fria, mas tranquila quarta-feira. Fomos ao Centro Cultural da Prefeitura, instalado no antigo Fórum da cidade, belo projeto de arquitetura modernista dos anos 1960-70. Tem o mesmo nome de um nosso amigo também artista (Lauro Monteiro), com teatro, salão de exposições, museu histórico, salas para cursos e oficinas de teatro e música. Está precisando de um bom trato, mas ao menos está funcionando, com várias atividades em curso. Defronte, fizeram uma esplanada que tem sido utilizada para feiras, festas e shows, integrada ao edifício. Dali, fomos conhecer a igreja matriz da cidade, na mesma praça onde esteve Burchell desenhando a velha igreja, que foi demolida nos anos 1920 e substituída pela atual, inaugurada em 1942. O projeto foi elaborado pelos engenheiros Rogério Vieira Tucci, Paulo Vieira Tucci, Francesco Batazzi e Bruno Sercelli, os dois últimos formados pela Escola de Belas Artes de Roma, na Itália, resultando uma bela edificação mesclando os estilos gótico e romano, muito bem conservada. Conhecemos ainda a estação ferroviária da Mogiana. Incrível, é onde está instalado o próprio gabinete do prefeito, exemplarmente restaurada e mantida.

Fomos ao Museu de Arte de Mogi Mirim, apreciando o comércio local como a loja Anaconda, numa cidade que tem nome oriundo de outra cobra. Logo chegamos ao Museu de Arte, instalado numa rua central num casarão tombado como patrimônio histórico da cidade. Os dois empreendedores estavam lá trabalhando. O museu foi idealizado por Valter Poletini, que compartilha a curadoria do local com Sidnei Cirilo de Oliveira Sá, dois ativistas culturais apaixonados por obras de arte. Sidnei nos guiou pelo museu mostrando com justo entusiasmo as salas de exposição do acervo próprio, divididas pelas temáticas da coleção e duas salas para exposições temporárias, uma destinada aos artistas da cidade, assim como também serve para

encontros musicais, cursos e oficinas. Uma parceria com a prefeitura permite realizar um forte trabalho educativo com as escolas do município, coisa que não existe em Franca a não ser esporadicamente. O prédio conta com uma biblioteca de arte e uma grande espaço para reserva técnica, localizada no piso superior. Foi montada uma cafeteria dentro das dependências do museu, mas estava fechada.

O investimento foi pessoal dos dois empreendedores, que não são pessoas ricas, com desprendimento e como uma missão de vida, a sustentabilidade do museu depende de seus próprios recursos até aqui. Fomos tão bem recebidos que nos pagaram o almoço para continuar a conversa. Segundo disse Valter na inauguração “é o meu sonho desde o início dos anos 1980, durante mais de 40 anos foi bom sonhar, mas ver o sonho tornar-se realidade, posso assegurar que é muito melhor”. Hoje, com as atribuições e dificuldades inerentes a gerenciar e manter um empreendimento tão difícil de realizar, achei-o um pouco mais pessimista, mas Sidnei compensa pelo outro lado, com grande otimismo no futuro. Tomara, viva Valter e Sidnei, vida longa ao Museu de Arte de Mogi Mirim, prova que o Brasil tem gente que acredita no papel transformador da arte e que o país ainda tem futuro.

Mauro Ferreira é arquiteto